



NÃO SEM¹

Marcus André Vieira*

Referência:

Vieira, M. A. Não sem. In: Glaze, A.; Otoni, F.; Delecave, M. E. (Org.). *A saúde para todos não sem a loucura de cada um*. Rio de Janeiro: Wok, 2011, pp. 33-42.

O título do V Encontro Americano do Campo Freudiano (ENAPOL): “A saúde para todos *não sem* a loucura de cada um” propõe uma articulação peculiar entre universal e singular, definida pela expressão “*não sem*”. Gostaria de explorar o modo de relação que essa expressão introduz.

Ela afasta a oposição simples entre o universal da saúde e o singular da loucura. É bem verdade que a interpretação analítica age no sentido da fragilização e queda do imaginário compartilhado e das identificações grupais. Não há, porém, nada que leve o psicanalista a se erigir como campeão do singular contra o universal. Em uma análise, o universal, no campo do ego, sofre um bocado com o que lhe aparece vindo do inconsciente. Tudo terá de se rearranjar inúmeras vezes, no entanto, o essencial é que uma fração irreduzível de gozo encontre lugar em uma nova conformação egóica.

Haverá paralelo com as inúmeras situações em que o psicanalista é chamado a atuar na cidade? Como manter a mesma orientação? É o que vamos examinar nas situações clínicas a serem debatidas no Encontro Americano. No âmbito deste texto a questão incidirá sobre que suporte conceitual privilegiar no ensino de Lacan para este “*não sem*”. Já adianto a resposta: o *sinthoma*.

Para todos

Partamos do universal. Existem campos da cultura compatíveis com o que chamamos “sujeito”, algo que não compõe com o todo e se mantém, por definição, impreciso, um furo. O campo da saúde mental, no Brasil, é um exemplo. Em sua vertente ainda hegemônica organiza-se em torno de um vazio: a própria definição de saúde mental. Os mais diversos profissionais reúnem-se em torno desse núcleo cego e, na melhor das hipóteses, o tornam a base do caso clínico (VIGANÓ, 1997).

Estamos, porém, cada vez mais confrontados com uma malha fina, sem limites, com lugar e definição para tudo, forcluindo nesse movimento o sujeito. Ouvi de um conhecido, trabalhando num ambulatório do serviço público de Londres que após cada sessão de psicoterapia o paciente deve preencher um questionário de avaliação. Na saída, ele é entregue à secretária que passa os dados imediatamente para o sistema. O administrador do serviço dispõe, portanto, em tempo real, da avaliação do contentamento de todos seus usuários. Se algum terapeuta vê seus índices caírem é obrigado a fazer “x” sessões de supervisão para que voltem ao patamar de satisfação convencional. Mesmo sem ter checado a exatidão desse testemunho assumo sua veracidade por traduzir com muita eloquência o Outro com que cedo ou tarde cada um se depara hoje. É extremamente rígido e ao mesmo tempo não existe. Não há interlocutor, só o “sistema”. É o Outro desencarnado da burocracia (MILLER, 1996-1997, p. 238).

O “para todos” de hoje tem essa modulação “pós-moderna”, da administração tecnocrata. Apoiada no mito de uma ciência de poder sem limites (crença hoje quase universalmente partilhada), ela se propõe a recobrir todos os espaços da vida, sem resto, com uma prescrição precisa para cada um (KOYRÉ, 1813)². É um universal, mas não o

do mestre clássico, que tinha a exceção histórica como contrapartida. O do mestre contemporâneo é um universal sem exceção.

No caso da saúde ele se enuncia como “A melhor saúde possível, sob todas as formas disponíveis, o maior tempo possível...”. O “possível”, aqui, não deve enganar, pois esconde a exigência de um imperativo, em nada vago ou impreciso. Ao contrário, ele é pré-fixado em índices e diretrizes numéricas. Assim situada, a saúde é possível e, sendo possível, é obrigatória. Reconhecemos o supereu e sua injunção: “Goze... da melhor saúde”, o tempo todo e sem cessar.

Ora, uma análise promove ao menos duas certezas fundamentais. A primeira: *nem tudo é possível*. Busca-se a análise para livrar-se daquilo que incomoda e, no caminho, define-se como um tanto disso não mudará. Após tudo ter sido retomado no trabalho analítico as grandes determinações e destinos desvelam-se no entanto como meras contingências “consagradas pelo tempo” (Borges *apud* REIS, 2010, p. 131), o que nos leva à segunda certeza: o impedimento, aquilo que impossibilita a mudança sonhada, não é grande coisa, é uma bobagem, *o impossível é uma besteira* (LACAN, 1970, p. 403).

A primeira certeza não se instaura sem a possibilidade, do ponto de vista do ego, de um quinhão de ironia com relação à própria imagem de si, um mínimo de debilidade consentida (KAUFMANNER, 2011). Isso leva a que a psicanálise sustente uma posição parcialmente externa com relação ao “tudo é possível” generalizado de hoje. Ela seria, talvez, tragada pela malha fina da burocracia não fosse a firme ancoragem nessas besteiras que uma análise destaca. São fiapos de histórias, fotos amareladas, brilhos caleidoscópicos, fragmentos de sonhos, nomes e sabores que marcaram por terem fisgado um tanto da vida pulsional. Eles compõem, como diz Lacan, uma verdadeira “colagem surrealista” que em si não é nada, mas nada é sem ela (LACAN, 1964, p. 161).

Loucura

O ENAPOL convida a acessar a singularidade dessas colagens a partir do tema da “loucura”, caminho relativamente inabitual. O mais comum é tomar o singular como inalcançável, o que sempre escapa. Creio que “a loucura de cada um” nos aproxima em um plano macro da relação estabelecida no plano de uma análise entre o ego e esses fiapos de história. Ela convoca a pensar a singularidade entre nós e não além, em outra cena. Impossível não evocar o nome conceitual, no Campo Freudiano, para a loucura como figura discreta, sutil e por isso mesmo, disseminada no coletivo, a “psicose ordinária”. Como sabemos, não se trata de uma nova categoria diagnóstica, mas de reconhecer o ocaso dos grandes delírios e loucuras extraordinárias e a passagem ao primeiro plano de uma loucura cotidiana, reconhecível apenas por sinais mínimos (MILLER [et al.], 1997, p. 156 e 250).

Sobretudo, não significa que se vá abrir mão da diferença essencial destacada pela psiquiatria clássica, entre psicose e neurose e que Lacan retomou como diferença estrutural, trazendo-a para a psicanálise. A forclusão do Nome-do-Pai, ao assinalar a estruturação psicótica da subjetividade, destaca como ela é assentada em um regime de crença diferente daquele da neurose. O neurótico crê no Pai como aquele que teria o saber definitivo sobre o desejo da mãe, sobre o gozo. O Pai, no entanto, só se institui a partir do discurso da mãe, sendo sempre externo à relação entre ela e a criança. Ele é função de uma ausência. É o que lança o neurótico em sua *père-version* edípica, em direção a ele, na busca da chave para seu desejo. Ela nunca será alcançada, pois mesmo que se possa interrogar o pai da realidade, ele, tal como o filho, também não a possui por ter igualmente sido estruturado nessa busca. Isso não impede que esta crença, crença

de que alguém, em algum lugar, possua a verdade, organize o mundo, ordenando-o em torno da função paterna como “vazio estruturante” (LACAN, 1962-1963, p. 67).

Todos concordam: a autoridade paterna da fé em uma ordem simbólica está saindo de cartaz. A crença no Pai se esvai, de acordo, mas não a crença *strictu sensu*. Ela continua firme, apenas se endereça, por exemplo, à ciência e suas performances, em vez do Pai e suas promessas. Nestas condições é importante destacar o quanto o regime da recusa da crença no Pai, na origem da estrutura psicótica, pode nos apresentar um modo de constituição de si em que não se conta com a ordenação do Outro em torno do vazio do Nome-do-Pai, em que é preciso estabelecer um arranjo que o descomple artesanalmente. Em ambos os casos, o da loucura neurótica e o da psicótica, será preciso compor um tanto de vida que não cabe com a vida que se leva.

Esta orientação é sustentada no ENAPOL pela expressão *não sem*. É uma fórmula bem lacaniana, em destaque no *Seminário 10*, por exemplo, no momento em que Lacan situa a angústia como “não sem objeto”. Com ela, assinala que aquilo diante do qual nos angustiamos, não pode estar fora da conta, mas ao mesmo tempo não se inclui em nenhuma contabilidade.

Esse modo de articulação conhecerá um desenvolvimento logificado, especialmente no *Seminário 11* e *Seminário 12*. Basta, aqui, destacar como ele se condensa na fórmula da fantasia, através do signo “punção”, constituído pela superposição da conjunção (v) e da disjunção (^), exprimindo todas as relações possíveis entre seus elementos *ao mesmo tempo*. É o paradoxo vivo que nos anima: sujeito e objeto são sempre um e outro, mas se um, nunca o outro, configurando uma lógica chamada por Regnault de “quaternária” e definida por J.-A. Miller como a da extimidade (REGNAULT, 2001; MILLER, 1985-1986, p. 257 e 452).

Sinthoma e ex-sistência

Em lugar de desenvolver a lógica da extimidade com base nas relações sujeito e objeto, vamos abordá-la a partir do sinthoma, tal como Lacan o destacou em seus últimos seminários, em ruptura com a noção ambiente de um mal accidental, portanto curável. Ele é um gozo incurável, próprio e ao mesmo tempo em posição de exterioridade com relação ao eu (MILLER, 2010; MILLER, 2002, p. 8-21).

A ex-sistência é o termo destacado por Lacan para situar essa exterioridade relativa do gozo ao modo borromeano. Tal como a colagem dos objetos *a* ele estará sempre em posição de ex-sistência. Para que dele se tenha um mínimo de suporte intuitivo, é preciso evocar uma trança. Ela só se tece “a três”. Nenhum fio tem relação direta com outro, e mesmo pareamentos dois a dois não são intermediados pelo terceiro como elo comum a ambos. O terceiro os enlaça por *ex-sistir* a eles, sem consistir entre eles como mediador. Uma história pode fornecer uma imagem disso. É um conto de Guimarães Rosa chamado *Antiperipléia*:

O conto é narrado por Prudenciniano, guia de cego, feioso, corcunda e bebedor. O cego, por sua vez, é um formoso e inteligente homem por quem todas se apaixonam. Combinam então que o descreverá cada uma delas, para que ele possa escolher. Então, uma muito feia lhe pede que minta para o cego, exaltando-lhe uma beleza inexistente. Prudenciniano, condoído, aceita e dá início a um jogo trágico. A angústia cresce nos três, à medida que a relação do cego e da feia se intensifica. O cego pede ao guia cada vez mais detalhes e a insensata, cada vez mais beleza. Por certo, sabe-se apenas que o cego morreu, caído de um barranco. Todos são suspeitos. Seria assassina a própria feia aterrorizada, sabendo-se em breve descoberta? O cego se teria suicidado no desespero de adivinhar o real de sua bela? Ou, ainda, o guia-narrador teria, por fim, sucumbido à inveja? Acrescente-se um quarto personagem, o marido da feia, de quem pouco se sabe,

exceto que estaria de olho no dinheiro do cego (GUIMARÃES ROSA apud VIEIRA, 2008, p. 135).

Remeto o leitor ao conto para seu desfecho. Interessa, sobretudo, vislumbrar a ex-sistência do guia ao casal. Sem ele não há relação, mas não pode existir na relação, ao preço da ruptura desta. É causa de desejo para ambos, mas fica necessariamente de fora, sem, porém, ficar a meio caminho. Intimamente exterior, em uma topologia esboçada desde Freud em “O estranho” (MILLER, 2002).

A partir dessas coordenadas, J.-A. Miller retoma a fórmula da fantasia para distingui-la da ex-sistência. A fantasia, $\$ \diamond a$, tem a função tanto de fazer-nos acreditar no falo, a beleza da mulher do conto por exemplo, quanto de esquecer que é o objeto a , o guia, sua fala, sobretudo, a causa do desejo.

Como fazer se a fantasia não der mais as cartas? Um modo de escrever essa situação poderia ser $\$ () a$, um espaço aberto entre sujeito e objeto. O que virá neste espaço?

O Outro de nossos dias propõe o sintoma, mas um sintoma rigidificado, um modo de gozo padronizado que tem nos grupos de ajuda mútua seu paradigma. Entre sujeito e objeto, um sintoma: ‘sou anorético’, ou ‘sou um TDAH’, acompanhado de uma série de prescrições de conduta com relação a ele, uma verdadeira pedagogia do gozo.

A análise nos leva em direção à montagem descrita por Guimarães Rosa. Segundo Miller, é a ex-sistência de um gozo irreduzível que será, aqui, situada. Ele a escreverá percorrendo o matema laciano $S(\overset{A}{\cdot})$ passo a passo, a partir da fórmula da fantasia. Em lugar do sujeito dividido, $\$$, sempre entre ao menos dois significantes, advém apenas um nome, um S_1 , nomeação que pode igualmente ser pensada como montagem. O essencial é que essa produção de uma análise não remete a nada além dela mesma. Ela é o que é, funda uma certeza e não um saber. É nossa colagem surrealista, ou ainda o guia de Rosa. Essa nomeação/construção desloca a barra para o campo do Outro, $\overset{A}{\cdot}$, pois ele pode tudo ter, menos, certamente esse nome de gozo singular que extraí como pude dos fragmentos de minha história em análise. O resultado é que se cria um espaço, justamente o da relação entre este significante e o Outro, antes definida pela fantasia e que agora está vago, $S () \overset{A}{\cdot}$.

Nossa política do sinthoma não é a da fantasia nem a da pedagogia do gozo, mas a da invenção de um sinthoma, que compreende uma nomeação meio artesanal, às vezes sofrida e a ex-sistência localizada de um gozo singular. Ele nunca consistirá, apenas existirá. Por isso mesmo não garante remissão, nem mesmo mudanças contabilizáveis. Não nos curamos dele, mas às vezes com ele nos salvamos, nos safamos, de nossas embrulhadas (MILLER, 1985-1986, p. 175).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

- GUIMARÃES ROSA, J. (1967) “Antiperipléia”. In: *Tutaméia: terceiras histórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- KAUFMANN, H. (2011) “Freud entre a paranóia e a debilidade”. Disponível em: <http://www.ebp.org.br/enapol/09/pt/textos/henri.pdf>
- KOYRÉ, A. (1813) *Paracelso*. Paris: Éditions Allia, 1998.
- LACAN, J. (1962-1963) *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- _____. (1964) *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. (1970) “Radiofonia”. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- MILLER, J.-A. (1985-1986) *Extimidade*. Buenos Aires: Paidós, 2010.
- _____. (1996-1997) *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires: Paidós, 2005.
- _____. [et al.] (1997) *La conversation d’Arcachon*. Paris: Agalma/Seuil, 1997.
- _____. (2002) “A ex-sistência”. In: *Opção lacianiana*, n. 33. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. São Paulo: Edições Eolia, 2002.

_____. (2010) “Salvação pelos dejetos”. Disponível em:

http://www.ebp.org.br/enapol/09/pt/textos_online/jam.pdf

REGNAULT, F. (2001) *Notre objet*, Paris: Verdier, 2001.

REIS, A. (2010) “Perplexidades consagradas pelo tempo”. In: *Arquivos da biblioteca*, n. 7. Rio de Janeiro: EBP-Rio de Janeiro.

VIEIRA, M. A. (2008) *Restos*. Rio de Janeiro: Contra Capa.

VIGANÓ, C. (1997) “Saúde mental: psiquiatria e psicanálise”. Belo Horizonte: Instituto de Saúde Mental.

NOTAS

* Membro da Associação Mundial de Psicanálise (AMP/EBP), AME (Analista Membro da Escola), pela Escola Brasileira de Psicanálise (EBP), Diretor do Instituto de Clínica Psicanalítica do Rio de Janeiro (da rede de Institutos do Campo Freudiano).

¹ Publicado em *A saúde para todos não sem a loucura de cada um*, Rio de Janeiro, Wok, 2011, pp. 33-42 (ISBN 978-85-7854-151-4). Este texto retoma parte da Aula Inaugural do Instituto de Clínica Psicanalítica do Rio de Janeiro (ICP-RJ), ocorrida em 16 de março de 2011, que teve por tema “A loucura de cada um”.

² Não deixa de ser uma ironia que a própria ciência, a introduziu na humanidade, seja o representante atual de um Outro tido como para quem tudo é possível.

³ Em nosso texto de base para a preparação do Enapol, a “Salvação pelos dejetos”, Miller dá ênfase à multiplicidade do trabalho do analista com os dejetos do psíquico. A meu ver, ganharíamos, associando sua leitura à de outro texto, “A ex-sistência”, em que Miller situa conceitualmente o lugar ocupado pelo real em nossa clínica.

**A SAÚDE PARA TODOS,
NÃO SEM A LOUCURA DE CADA UM
PERSPECTIVAS DA PSICANÁLISE**



**LA SALUD PARA TODOS,
NO SIN LA LOCURA DE CADA UNO
A LA LUZ DEL PSICOANÁLISIS**

ASSOCIAÇÃO DA FUNDAÇÃO DO CAMPO FREUDIANO



© 2011 by Associação da Fundação do Campo Freudiano

GERENTE EDITORIAL: Alan Kardec Pereira
EDITOR: Waldir Pedro
CAPA PROJETO GRAFICO E EDITORAÇÃO / DISEÑO DE TAPA: zêhom Design
IMAGEM DA CAPA / IMAGEN DE TAPA: Emerson André Amorim Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S272

A saúde para todos, não sem a loucura de cada um: perspectivas da psicanálise = La salud para todos, no sin la locura de cada uno: a la luz del psicoanálisis / Alejandra Glaze, Fernanda Otoni Barros Brisset e Maria Elisa Delecave Monteiro (orgs.). Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.
260p : 23cm

Texto em português e espanhol
Textos organizados por ocasião do V ENAPOL da Associação da Fundação do Campo Freudiano
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7854-151-4

I. Psicanálise. I. Glaze, Alejandra. II. Barros Brisset, Fernanda Otoni. III. Monteiro, Maria Elisa Delecave. IV. Associação da Fundação do Campo Freudiano.

11-2147 CDD: 150.195 CDU 159.964.2

2011

Direitos desta edição reservados à Wak Editora
Proibida a reprodução total e parcial.
Os infratores serão processados na forma da lei.

WAK EDITORA
Av. N. Sra. de Copacabana 945 – sala 107 – Copacabana
Rio de Janeiro – CEP 22060-001 – RJ
Tels.: (21) 3208-6095 e 3208-6113
Fax (21) 3208-3918
wakeditora@uol.com.br / www.wakeditora.com.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 11
PRESENTACIÓN
Judith Miller

NOTA DAS ORGANIZADORAS 17
NOTA DE LAS ORGANIZADORAS
Alejandra Glaze
Fernanda Otoni de Barros Brisset
Maria Elisa Delecave Monteiro

A LOUCURA E O “PARA TODOS”
LA LOCURA Y EL “PARA TODOS”

LA SALUD PARA TODOS SIN LA SEGREGACION DE CADA UNO 25
Alicia Arenas

NÃO SEM 33
Marcus André Vieira

NI IGUALES NI EXCEPCIONALES: “DE CERCA NADIE ES NORMAL” 43
Marina Recalde